

UM LUGAR PARA RETORNAR: UMA ANÁLISE DE *HOMEGOING*, DE YAA GYASI, BASEADA NAS TEORIAS PÓS COLONIALISTAS

*A PLACE TO RETURN: AN ANALYSIS OF "HOMEGOING" BY YAA GYASI
BASED ON POSTCOLONIALIST THEORIES*

Lilian Prazeres Alves Bezerra
Universidade Federal de Campina Grande
<https://orcid.org/0009-0000-3134-1383>
lilyalves64@gmail.com

Raissa Allyne Nascimento Souza
Universidade Federal de Campina Grande
<https://orcid.org/0009-0009-2266-9622>
raissaallyne1@gmail.com

Rayanne V. Costa da Silva
Universidade Federal de Campina Grande
<https://orcid.org/0009-0001-5820-4722>
costarayanne196@gmail.com

Resumo: *Homegoing*, um romance escrito pela autora ganesa Yaa Gyasi, conta a história de duas meio-irmãs que nasceram em diferentes partes de Gana durante o século XVIII. A trama se inicia mostrando seus caminhos distintos, em que Effia se casa com um traficante de escravos, enquanto Esi é capturada e vendida como escrava. Levando esses eventos em consideração, a narrativa de Gyasi acompanha as vidas paralelas dos descendentes de Effia e Esi, evidenciando como a escravidão impactou suas vidas e respectivas identidades. Este trabalho possui como objetivo fornecer uma análise com base nas teorias pós-coloniais, especificamente nos conceitos de diáspora e deslocamento, assim como em uma perspectiva psicanalítica, focando no trauma transgeracional e em como este afetou a construção das identidades das personagens. Como forma de explorar as semelhanças entre narrativas que resistem ao processo de colonização, *The House on Mango Street* (Cisneros, 1983), *The Headstrong Historian* (Adichie, 2010) e *I'm Not Racist, But* (Heiss, 2007) serviram como suporte para uma comparação literária. Com base nisso, foi possível estabelecer uma relação entre literatura, história e comportamento humano, contemplando o que a literatura oferece de melhor: a capacidade de transportar o leitor para diferentes tempos e mentes.

Palavras-chave: Diáspora. Deslocamento. Escravidão. Teorias pós-colonialistas. Trauma transgeracional.

Abstract: "Homegoing", a novel written by the Ghanaian writer Yaa Gyasi, tells the story of two half-sisters who were born in distinct parts of Ghana by the middle of 18th century. The plot starts showing their different paths, with Effia marrying a slave trader, and Esi getting captured and sold into slavery. Taking these events into consideration, Gyasi's narrative follows the parallel lives of Effia and Esi descendants and how slavery had impacted their lives and identities. In this paper we intend to provide an analysis based on postcolonial theories, specifically on the concepts of diaspora and displacement, as well for a psychoanalytic perspective, focusing on transgenerational trauma and how it affected the characters' identities construction. As a way to explore the similarities among narratives that endure the process of colonization, *The House on Mango Street* (CISNEROS, 1983), *The headstrong Historian* (ADICHIE, 2010), and *I'm Not Racist, But* (HEISS, 2007) served as a support for literary comparison. Based on that, it was possible to draw a relation between literature, history, and human behavior,

contemplating literature's best offer: the ability to transport the reader to different times and minds.

Key words: Diaspora. Displacement. Slavery. Postcolonialist theories. Transgenerational trauma.

Introdução

A migração voluntária é uma característica intrínseca da espécie humana, desempenhando um papel crucial na evolução e na adaptação das sociedades. Desde os primórdios, o deslocamento, sob a forma de nomadismo, era essencial para a sobrevivência, permitindo que os grupos humanos seguissem recursos como alimentos e água. Com o advento da revolução neolítica, marcada pela domesticação de plantas e animais e pelo surgimento das primeiras civilizações, o conceito de deslocamento sofreu uma transformação. As migrações tornaram-se menos frequentes para certos grupos, mas, simultaneamente, mais violentas, devido ao surgimento de conflitos territoriais e à expansão de sociedades dominantes sobre as mais vulneráveis.

Dentro desse contexto, o termo diáspora emerge como um conceito relevante, especialmente no campo dos estudos pós-coloniais. Derivado do grego "*diaspeirein*" (espalhar), o termo refere-se ao movimento de pessoas, seja de forma voluntária ou forçada, de suas terras natais para outros territórios. Como aponta Ashcroft et al. (2010), a diáspora é "um fato histórico central da colonização", representando tanto o deslocamento físico quanto a desconexão cultural e emocional resultantes desses processos. A diáspora se torna, portanto, um símbolo das condições impostas pelo colonialismo, que frequentemente resultavam em perdas territoriais e culturais significativas para os povos colonizados.

O colonialismo europeu, especialmente sob a influência dos ideais eurocêntricos, moldou de maneira drástica as noções de civilização e barbárie, estabelecendo padrões que legitimavam a dominação de sociedades não europeias. Esses padrões, muitas vezes derivados dos valores vitorianos britânicos, impunham a noção de "seriedade" e refinamento como critérios de civilização, desconsiderando as complexidades culturais e sociais das sociedades colonizadas. Nesse contexto, a diáspora se torna um dos processos mais emblemáticos das consequências do colonialismo, afetando profundamente aqueles cujas terras foram invadidas, especialmente nas regiões africanas.

A história de Gana, conhecida durante o período colonial como "Costa do Ouro", ilustra de forma clara o impacto devastador dessas práticas. Localizada em uma área rica em recursos naturais, Gana foi alvo de invasões sucessivas por parte das potências coloniais. Em 1482, os portugueses foram os primeiros a explorar a região, estabelecendo o comércio de ouro e marfim. Contudo, essa relação comercial inicial evoluiu rapidamente para a prática da escravidão, com a exportação forçada de africanos para atender às demandas das colônias europeias no Novo Mundo.

A partir de 1807, a coroa britânica assumiu o controle da região, consolidando sua presença em 1874, quando proclamou oficialmente a Costa do Ouro como uma colônia britânica. Esse domínio não apenas explorou os recursos naturais da região, mas também impôs mudanças culturais e sociais significativas, forçando a integração dos povos locais em uma estrutura colonial que os marginalizou. O processo culminou em um profundo deslocamento das populações africanas, tanto em termos físicos, com a escravidão e o trabalho forçado, quanto em termos culturais, com a imposição de valores e sistemas europeus.

A diáspora africana emerge como um testemunho dos impactos de um colonialismo que transformou profundamente as dinâmicas sociais e identitárias das comunidades afetadas. A partir do exemplo de Gana, compreende-se que o movimento de populações, voluntário ou forçado, sempre foi mais do que uma questão de sobrevivência ou oportunidade: foi também

uma ferramenta de dominação e resistência, cujos efeitos ainda moldam as sociedades contemporâneas.

Partindo desta perspectiva, a narrativa de *Homegoing* centra-se na trajetória de duas irmãs, Effia e Esi, e de suas famílias, traçando suas histórias ao longo de oito gerações, desde o século XVIII até o presente. Effia permanece em Gana, enquanto Esi é capturada e enviada como escravizada para os Estados Unidos, o que estabelece um contraste marcante entre os destinos das duas linhagens. Essa estrutura narrativa, ao conectar diferentes épocas e geografias, proporciona uma visão panorâmica das complexidades da diáspora africana e das transformações culturais e sociais que ocorreram ao longo do tempo. Com habilidade literária, Yaa Gyasi utiliza as histórias individuais dessas famílias para ilustrar questões mais amplas, como a violência do sistema escravocrata, as rupturas culturais e as lutas por identidade e pertencimento. Assim, o romance não apenas cativa os leitores pela força de suas personagens, mas também os desafia a refletir sobre os impactos contínuos das estruturas coloniais e escravistas na sociedade contemporânea.

Por meio de um retrato vívido e emocional das experiências das duas famílias, Gyasi revela as cicatrizes deixadas pela escravidão e pelo colonialismo, mas também evidencia a resiliência e a capacidade de reinvenção das comunidades africanas e afrodescendentes. Cada capítulo de *Homegoing* funciona como um fragmento da memória coletiva, dando voz às histórias frequentemente marginalizadas pela historiografia oficial. A autora equilibra cuidadosamente os aspectos históricos e fictícios, oferecendo um mergulho profundo nas vivências de seus personagens. Essa abordagem possibilita ao leitor compreender como as opressões estruturais e os traumas do passado continuam a reverberar no presente, moldando identidades e dinâmicas sociais. Essas camadas narrativas fazem de *Homegoing* não apenas um romance literário, mas também uma análise crítica dos efeitos duradouros do colonialismo e da escravidão, proporcionando uma leitura enriquecedora tanto para estudiosos quanto para o público geral interessado em história, literatura e questões sociais.

Nossa análise fundamenta-se na abordagem crítica pós-colonial, conforme discutida por autores como Bhabha (2014), Ashcroft et al. (2010) e Selden et al. (2013), os quais oferecem ferramentas teóricas para explorar as complexidades das relações entre o colonialismo e suas repercussões históricas e culturais. Os estudos pós-colonialistas abrangem uma ampla gama de temas, incluindo poder, resistência, hibridismo cultural e o impacto das narrativas coloniais sobre as sociedades contemporâneas. Neste trabalho, focamos particularmente na terminologia “diáspora” e no sentimento de não pertencimento ou deslocamento, compreendidos como experiências centrais no contexto das populações colonizadas e seus descendentes. Além disso, examinamos as construções de identidade e os traumas transgeracionais, fenômenos que frequentemente emergem em sociedades marcadas pela colonização e pela escravidão. Esses aspectos são analisados considerando o contexto pós-colonial e suas implicações, com atenção especial para as formas como as memórias do passado colonial afetam os processos de formação identitária e de transmissão de experiências e dores entre gerações. Assim, nossa análise busca iluminar as camadas de significado presentes em *Homegoing*, evidenciando como o romance dialoga com questões fundamentais para os estudos pós-coloniais.

1. Raízes: da terra natal à diáspora

O romance *Homegoing* (2016), de Yaa Gyasi, aborda as histórias de Effia e Esi, duas irmãs cujas vidas seguem caminhos radicalmente diferentes, refletindo, de forma complementar, as profundas consequências do colonialismo e do tráfico transatlântico de escravos. A narrativa, habilmente construída com profundidade histórica e sensibilidade

emocional, traça os impactos do colonialismo europeu sobre as identidades individuais e coletivas, ao mesmo tempo em que examina as dinâmicas culturais, sociais e econômicas moldadas por esse sistema opressivo. Ao conectar o passado ao presente, a obra revela como os traumas e as desigualdades gerados pelo colonialismo continuam a reverberar nas gerações subsequentes, especialmente no contexto da diáspora africana.

Effia, que é "vendida" para casar com um oficial britânico no Cape Coast Castle, exemplifica a complexidade das relações entre colonizadores e colonizados. Por meio de sua história, Gyasi expõe a colaboração forçada, muitas vezes permeada por coerção, que marcou as interações entre europeus e algumas lideranças africanas. O Cape Coast Castle, local onde Effia reside, é retratado como um espaço de dualidades: enquanto simboliza o poder e o privilégio europeu, também representa a opressão e a exploração. Effia, que desfruta de um certo status devido à sua posição no contexto colonial, também carrega as marcas de um sistema que utiliza alianças problemáticas para perpetuar a dominação. Sua trajetória revela a tensão entre sobrevivência, cumplicidade e resistência, destacando como as dinâmicas coloniais afetaram profundamente as identidades locais.

Em contraste, a história de Esi oferece uma perspectiva brutal sobre o deslocamento forçado e a perda de identidade cultural. Capturada e enviada para as Américas como escravizada, Esi representa a desumanização extrema que caracteriza o sistema escravocrata. Sua narrativa ilumina as violências físicas e psicológicas enfrentadas pelos africanos escravizados, bem como as consequências sistêmicas que impactaram seus descendentes nos Estados Unidos. Gyasi aborda com intensidade os efeitos do tráfico de escravizados, como a ruptura total com as raízes culturais e a construção de uma identidade marcada pelo trauma e pela opressão racial. A desumanização vivida por Esi e seus descendentes torna-se um retrato emblemático das desigualdades estruturais impostas pelo colonialismo e pela escravidão, revelando as feridas deixadas por essas práticas no tecido social.

Do ponto de vista dos estudos pós-coloniais, as trajetórias divergentes de Effia e Esi funcionam como uma alegoria poderosa do processo de colonização do continente africano e de suas consequências. Enquanto Effia permanece em Gana, simbolizando a adaptação e sobrevivência dentro das estruturas coloniais, Esi representa a diáspora africana e os traumas transgeracionais que emergem da desconexão com o continente de origem. Essas histórias paralelas permitem que Gyasi explore tanto o impacto da colonização sobre aqueles que permaneceram em solo africano quanto sobre aqueles que foram forçados a viver em terras estrangeiras.

Homegoing, assim, transcende sua função como uma narrativa histórica, tornando-se um meio de reflexão sobre as experiências do colonizador e do colonizado. Gyasi não apenas documenta os horrores do colonialismo e da escravidão, mas também celebra a resiliência e a resistência das comunidades africanas e afrodescendentes. O romance, ao explorar as cicatrizes do passado, nos convida a considerar como essas experiências moldam a história global e continuam a influenciar as sociedades contemporâneas. Dessa forma, Homegoing se afirma como uma obra essencial para o entendimento crítico do legado colonial e de suas repercussões na formação de identidades e na busca por justiça histórica.

2. O lugar ao qual pertencemos

No romance *Homegoing* (2016), a questão da identidade e do pertencimento cultural é explorada por meio de símbolos físicos e experiências que permeiam gerações de uma mesma linhagem através das histórias de Effia e Esi. As pedras negras servem como um símbolo potente e recorrente da conexão entre as duas irmãs, apesar de sua separação física e vidas

radicalmente diferentes. Essas pedras são parte de um ritual cultural e herança passada por sua família, ligando as irmãs e seus descendentes através das gerações.

Ao receberem pedras negras, que são entregues às personagens em um momento de distanciamento de suas origens, como amuletos de suas mães, as personagens encontram nelas uma ligação física e emocional com suas origens. A pedra negra de Effia é dada a ela por sua madrasta Baaba, como parte de sua cerimônia de maioridade e simboliza sua pertença à sua cultura e herança Fante, apesar de seu eventual casamento com um oficial britânico, James Collins, que participa do tráfico de escravos. A posse da pedra por Effia é uma âncora para sua identidade, mesmo que ela viva em um mundo moldado pelo poder colonial.

Enquanto isso, Esi recebeu sua pedra de sua mãe, Maame, no momento em que fugia de sua aldeia, que estava sob ataque. A pedra negra de Esi é tragicamente perdida durante sua captura e escravidão. Ela é tirada dela enquanto ela é mantida nas masmorras do Castelo de Cape Coast antes de ser enviada para a América. Essa perda representa o rompimento de sua conexão direta com sua terra natal e herança, ressaltando o impacto brutal do tráfico transatlântico de escravos. No entanto, a memória da pedra e as raízes culturais que ela representa permanecem em sua linhagem.

Para a personagem de Effia, a pedra negra simboliza uma conexão física, não apenas com seu país, mas também com seus ancestrais e descendentes, uma vez que é um objeto transmitido de geração em geração, construindo uma ligação emocional entre aqueles que a obtiveram. O fato de a pedra ter sido entregue a ele por sua madrasta adiciona ainda mais significado a este momento de transição. A tensão entre Effia e Baaba, acrescenta uma camada de complexidade ao ato de dar a pedra negra, tornando o momento algo bastante significativo no romance. Ao longo da vida de Effia, Baaba a trata com crueldade e distanciamento emocional, até mesmo tentando sabotar suas chances de se casar com um chefe Fante espalhando rumores sobre sua suposta infertilidade. Essa dureza cria um relacionamento tenso entre elas, marcado pela falta de calor maternal.

A tensão entre Effia e sua mãe, Baaba, acrescenta uma camada de complexidade ao ato de dar a pedra negra, tornando-o um momento significativo no romance. Ao longo da vida de Effia, Baaba a trata com crueldade e distanciamento emocional, até mesmo tentando sabotar suas chances de se casar com um chefe Fante espalhando rumores sobre sua suposta infertilidade. Essa dureza cria um relacionamento tenso entre elas, marcado pela falta de calor maternal. No entanto, a decisão de Baaba de dar a Effia a pedra negra — um símbolo de conexão familiar e cultural — revela um momento inesperado de cuidado e reconhecimento. Embora Baaba não seja a mãe biológica de Effia, seu ato pode ser interpretado como uma tentativa de garantir que Effia carregue uma parte tangível de sua linhagem para seu futuro, apesar da distância emocional entre elas. Este gesto, emparelhado com as palavras de despedida de Baaba, sugere uma dualidade em seu caráter: um reconhecimento de seu papel na vida de Effia e uma admissão sutil dos laços que as unem, mesmo em seu relacionamento tenso. Neste contexto, a pedra torna-se não apenas um símbolo de herança, mas também um raro símbolo do reconhecimento de Baaba do valor e da identidade de Effia. Como podemos ver no trecho a seguir:

Cobbe, sendo o homem grande e forte que era, começou a chorar abertamente, mas Baaba manteve-se firme. Ela caminhou até Effia depois que Abeeku saiu e entregou-lhe um pingente de pedra negra que brilhava como se estivesse coberto de pó dourado. Ela deslizou-o nas mãos de Effia e então inclinou-se até que seus lábios tocassem o ouvido de Effia. "Leve isto com você quando partir", disse Baaba. "Um pedaço de sua mãe." E quando Baaba finalmente se afastou, Effia pôde ver algo parecido com alívio dançando por trás de seu

sorriso (Gyasi, 2016, p. 22).¹

Esta cena de Baaba entregando a pedra é um raro momento de ternura, o que o torna ainda mais pungente. Essa dualidade reflete as complexidades dos relacionamentos familiares no romance. As palavras de Baab: "Um pedaço da sua mãe", ligam a pedra à linhagem materna, adicionando camadas de significado. Embora Baaba não seja a mãe biológica de Effia, esse ato de passar a pedra representa seu reconhecimento da conexão de Effia com sua herança.

Em contraste com Effia, Esi sofre um destino diferente, perdendo sua pedra negra antes de ser enviada à força para os Estados Unidos. Essa perda simboliza o deslocamento físico e emocional: fisicamente, marca sua remoção forçada de sua terra natal e, emocionalmente, representa o rompimento de sua conexão com seus ancestrais e cultura ganeses. O impacto dessa perda se estende a seus descendentes, que herdaram um senso de desconexão e deslocamento, lutando para se reconciliar com a história de seus ancestrais e sua herança fragmentada..

"Não, minha pedra!" gritou Esi, lembrando-se da pedra negro-dourada que sua mãe lhe dera. Ela se jogou no chão e começou a cavar, cavar e cavar, mas então o soldado ergueu seu corpo, e logo tudo o que conseguia sentir em suas mãos, que se moviam freneticamente, era ar e mais ar (Gyasi, 2016, p. 54).²

A tentativa frenética de Esi de recuperar a pedra, como vemos no trecho acima, transmite vividamente seu desespero para preservar um pedaço de sua identidade em meio ao caos de sua captura. A transição da terra para o ar em suas mãos simboliza a ruptura abrupta de sua conexão com sua terra natal e raízes culturais. Sua falha em recuperar a pedra destaca a força desumanizadora da escravidão, que não apenas rouba sua liberdade, mas também apaga seus laços com sua ancestralidade. Este momento prenuncia as lutas que seus descendentes enfrentarão para entender sua história e reivindicar um senso de pertencimento, encapsulando a exploração do romance sobre o trauma geracional e o legado duradouro do deslocamento.

Mesmo tendo um destino diferente de sua irmã Esi e permanecendo em seu país natal, Effia também sofreu com a diáspora e, conseqüentemente, com o deslocamento. Após ser forçada a deixar sua aldeia e viver em um castelo com seu marido branco, Effia se afasta de suas raízes Fante e se aliena dentro de sua própria terra natal. O castelo, um símbolo de domínio colonial e cumplicidade no tráfico de escravos, incorpora a ruptura entre a herança de Effia e a nova vida imposta a ela. Ela luta para reconciliar sua identidade como uma mulher Fante com as expectativas de seu marido britânico, deixando-a se sentindo desconectada de ambos os mundos.

Esse deslocamento cultural e emocional afeta significativamente os descendentes de Effia. Seu filho, Quey, cresce imerso na estrutura colonial de seu pai, distanciado das tradições do povo de sua mãe. Como resultado, Quey incorpora as tensões de uma identidade dupla, lutando para navegar em seu lugar nas esferas Fante e Britânica. Esse senso de fragmentação continua na linhagem de Effia, à medida que cada geração lida com as implicações de sua alienação. A história de Effia demonstra que o deslocamento não requer remoção física, mas também pode resultar da erosão de laços culturais e das pressões de existir entre identidades conflitantes, um tema que reverbera dentro do romance.

Fazendo uma conexão com outras obras, podemos relacionar o destino de Quey (filho de Effia) com o de Anikwenwa, também conhecido como Michael, do conto *The Headstrong Historian* (2010) de Chimamanda Ngozi Adichie. Ambos os personagens passam por mudanças

¹ Tradução nossa.

² Tradução nossa.

significativas em suas vidas devido à imposição da educação ocidental, que se torna uma ferramenta de ruptura cultural. Anikwenwa é levado para uma escola cristã ainda jovem para aprender inglês e adotar ideais cristãos, distanciando-o de sua herança Igbo. Da mesma forma, Quey é enviado por seu pai, James Collins, para a Inglaterra para receber uma educação "melhor", alienando-o ainda mais de suas raízes Fante.

Os paralelos entre os dois personagens destacam os efeitos complexos do colonialismo na formação da identidade. Tanto Quey quanto Anikwenwa lutam com um profundo senso de deslocamento, embora suas experiências sejam diferentes. Quey, como filho de uma mulher negra Fante e um homem branco britânico, ocupa um espaço liminar onde sente que não pertence nem à sua herança africana nem à sua linhagem britânica. Sua identidade mestiça e as expectativas colocadas sobre ele por seu pai criam uma tensão que o deixa à deriva. Em contraste, a alienação de Anikwenwa decorre de seus ideais cristãos internalizados, que o fazem rejeitar e se sentir afastado de sua cultura Igbo. A educação cristã que ele recebe prioriza valores coloniais, levando-o a ver suas próprias tradições como inferiores.

Apesar dessas diferenças, tanto Quey quanto Anikwenwa incorporam a fragmentação psicológica e cultural causada pela interferência colonial. A educação que recebem, embora destinada a "civilizá-los" ou elevá-los, torna-se um mecanismo de apagamento, cortando sua conexão com suas origens. Suas histórias refletem uma narrativa mais ampla do impacto do colonialismo na identidade pessoal, onde a imposição de ideais estrangeiros geralmente resulta em uma sensação duradoura de perda e desorientação. Por meio de suas jornadas, *Homegoing* e *The Headstrong Historian* exploram os efeitos duradouros da imposição cultural e a luta para reconciliar identidades fraturadas.

Esse senso de deslocamento também é explorado em *The House on Mango Street* (1983) de Sandra Cisneros, uma narrativa ambientada em um bairro mexicano-americano em Chicago. A história acompanha Esperanza, uma jovem filha de imigrantes mexicanos, enquanto ela luta para descobrir seu lugar no mundo durante sua infância e adolescência. Embora os cenários e experiências pessoais dos personagens em *Homegoing* e *The House on Mango Street* possam parecer diferentes na superfície, um situado em Gana e o outro em um ambiente urbano dos EUA, ambos os livros compartilham profundas semelhanças em sua exploração da construção de identidade e da noção de lar. Em ambos os casos, os protagonistas são pegos entre dois mundos conflitantes, buscando um senso de pertencimento que é evasivo e repleto de complexidade.

Em *Homegoing*, personagens como Quey são assombrados pelo sentimento de deslocamento, incapazes de encontrar um lugar que possam realmente chamar de seu. A luta de Quey para reconciliar sua herança mestiça, dividido entre suas raízes africanas e a educação britânica, reflete a crise de identidade enfrentada por Esperanza. Embora esteja enraizada em sua herança mexicana, Esperanza também é profundamente moldada pela sociedade americana na qual cresce, que frequentemente a trata como uma estranha. Essa tensão entre suas raízes mexicanas e sua experiência nos EUA a faz questionar onde ela realmente pertence, assim como Quey, que luta com sua própria identidade cultural dupla.

Em ambos os romances, a questão da identidade cultural evolui dentro do contexto das relações entre o oprimido e o opressor. Para Quey, a relação colonial entre sua mãe africana e seu pai britânico cria um senso complexo de identidade enraizado no apagamento cultural e na dinâmica de poder. Esperanza, por outro lado, navega no conflito entre sua herança mexicana e a cultura americana dominante que frequentemente a marginaliza. Seu senso de deslocamento é menos sobre estar dividida entre duas nações, como Quey, e mais sobre se sentir presa em um espaço liminar entre o mundo imigrante de sua família e a sociedade americana dominante que ela busca entender.

Em última análise, tanto *Homegoing* quanto *The House on Mango Street* exploram o

desejo humano universal de se sentir parte de algo, de encontrar um lugar que ofereça não apenas abrigo físico, mas também segurança emocional e cultural. Gyasi e Cisneros mergulham no profundo impacto dos legados históricos na formação da identidade, mostrando como o colonialismo e a imigração moldam o senso de identidade dos indivíduos. Em suas obras, a busca por identidade não é apenas uma jornada pessoal, mas também influenciada por forças históricas e culturais. Ambos os autores destacam as maneiras como gênero e herança cultural se cruzam com a luta por pertencimento, fazendo com que as experiências de seus personagens ressoem com um anseio mais amplo e universal por conexão e compreensão entre diferentes culturas e histórias.

3. Passando traumas adiante

Um outro conceito importante que o autor nos introduz em *Homegoing* é o de como as pessoas formam preconceitos e são capazes de transmiti-los aos seus filhos e comunidade a qual pertencem. No final do capítulo focado em Esi, nos é apresentado o seguinte trecho: "pelo resto de sua vida, Esi veria um sorriso no rosto de um homem branco e lembraria do sorriso que o soldado lhe deu antes de levá-la para os seus aposentos, como se o sorriso dos homens brancos sempre significasse que mais maldade estava por vir" (Gyasi, 2016, p. 56). Este sentimento de desconfiança que Esi carrega em relação aos homens brancos é justificado por toda a sua história e experiências ao entrar em contato com os mesmos. Muitos de seus descendentes também experienciarão esse tipo de sentimento, pois assim como Esi, também irão lidar com violência e discriminação por parte dessas mesmas pessoas. Ainda, haverão aqueles que enfrentarão esses mesmos conflitos, a dificuldade de confiar nos homens brancos, mesmo quando estes realmente se importam e os desejam o bem.

Essa desconfiança gerada e enraizada nos seus descendentes é originada pelas experiências de Esi e se relaciona diretamente com o conceito psicanalítico de trauma transgeracional, que, segundo Herman (1997), consiste na transmissão de um trauma — seja físico, emocional ou social — de uma geração para outra, sem que as gerações seguintes tenham vivenciado, de forma direta, os conflitos que desencadearam esse trauma. Nesse sentido, a autora consegue retratar de forma fiel processos semelhantes àqueles que aconteceram ao redor do mundo com os sobreviventes e descendentes da escravidão, e que culminaram em ideologias racistas de cunho sistêmico e estrutural.

Esi nem sempre foi desconfiada, ou sequer estava ciente dos horrores da colonização. Como foi mencionado anteriormente, essas foram características da sua personalidade que foram moldadas pelas suas experiências. Na verdade, quando se cresce em um lugar onde a escravidão é recorrente e considerada normal, como aconteceu com Esi, é compreensível que os envolvidos não processem esse tipo de opressão como um problema real. Em conexão com a oradora do poema de Anita Heiss (2007), "*Making Aborigines - Inspired by Michael McDaniel*", durante um certo período de sua vida, Esi foi apenas uma menina que ainda não havia sido marcada pelas atrocidades da colonização. Neste mesmo poema, a oradora narra sua infância como a de uma garota normal, até o momento em que ela sofre um episódio traumático de racismo e sua percepção da realidade é alterada, o que a torna mais consciente quanto aos problemas perpetuados pelo racismo como um dos resultados da colonização.

Dessa forma, se torna possível estabelecer uma conexão entre a experiência da oradora do poema escrito por Heiss (2007) e a experiência narrada no livro de Gyasi (2016). Esi cresceu em uma família importante, sem muita consciência dos efeitos da colonização. Em um episódio em que seu pai maltrata uma escrava, Esi se dirige à mãe e menciona que: "Se ele não a batesse, todo mundo acharia que ele era fraco" (Gyasi, 2016, p. 43). Trechos como esse evidenciam o

fato de que as crueldades da escravidão por muito tempo não afetaram diretamente Esi.

Assim como a oradora do poema de Heiss (2007), a percepção de Esi também muda quando esta sofre um episódio traumático no qual é sequestrada e escravizada. Esta experiência, que insere Esi diretamente no sistema de escravidão, faz com que ela não apenas se conscientize dos horrores perpetuados por esse sistema, mas também os sinta na própria pele. Além disso, a vida difícil que Esi começa a levar faz com que esta se torne uma pessoa muito mais rígida, o que reverbera no relacionamento com a sua filha Ness, que também se torna uma pessoa bastante severa e rude mesmo quando tratada com bondade. Nesse sentido, é possível perceber que a personalidade de Esi influenciou Ness a associar o amor à rigidez.

Ainda, quando se fala sobre a perpetuação de traumas, a diáspora se apresenta como um outro aspecto que também é perpetuado na linhagem das personagens das duas irmãs que são separadas; começa com elas, mas não para por aí. Effia é forçada a casar com um homem estrangeiro e a viver em um castelo distante de sua aldeia e de sua família, enquanto Esi é brutalmente arrancada de sua família e de seu país para se tornar escrava em um novo continente. Como consequência desses eventos, a diáspora e o deslocamento também perseguem seus descendentes, Quey, filho de Effia, e Ness, filha de Esi. Quey é enviado pelo seu pai branco para a Inglaterra para ser educado e cresce distante de suas raízes ganesas, enquanto a filha de Esi, por sua vez, também sente uma desconexão com sua ancestralidade, devido ao fato de ter sido criada em um país diferente.

Conclusão

Homegoing é uma obra literária singular que, ao explorar as trajetórias de Effia, Esi e suas gerações subsequentes, evidencia a importância da preservação da identidade cultural e da reconexão com as raízes africanas. Através de uma narrativa rica e multifacetada, Yaa Gyasi oferece um panorama abrangente que liga passado e presente, revelando como o colonialismo e a escravidão moldaram profundamente as experiências individuais e coletivas. Cada capítulo, ao introduzir uma nova geração, proporciona uma visão mais ampla dos traumas, das resistências e das estratégias de sobrevivência que perpassam os personagens, ao mesmo tempo em que ressalta a continuidade dos impactos dessas estruturas de opressão na contemporaneidade.

No contexto da crítica pós-colonial, as histórias de Effia e Esi destacam os efeitos duradouros do colonialismo sobre as sociedades africanas e sua diáspora. A narrativa evidencia a dualidade presente no sistema colonial: por um lado, expõe a cumplicidade forçada de algumas lideranças africanas no tráfico de escravizados; por outro, revela as resistências e os enfrentamentos diante das condições opressivas impostas pelo colonialismo e pela escravidão. De forma contundente, Gyasi aborda a brutalidade do tráfico transatlântico de escravizados e a desumanização imposta a milhões de pessoas, ao mesmo tempo em que humaniza essas histórias, dando voz às experiências antes silenciadas pelas narrativas hegemônicas.

Ao desafiar as narrativas históricas dominantes, Homegoing propõe uma reavaliação do legado colonial, iluminando questões de memória, identidade e reparação histórica. A obra transcende os limites da ficção, tornando-se um veículo para a reflexão crítica sobre os traumas transgeracionais que ainda ressoam nas populações afetadas pelo colonialismo e pela diáspora. Essa análise é também um chamado para que as sociedades contemporâneas reconheçam e confrontem os legados históricos que continuam a moldar desigualdades e identidades globais.

Por fim, Homegoing não se limita a explorar a dor e o sofrimento impostos pela história colonial. A obra também celebra a resiliência e a capacidade de reinvenção das populações africanas e afrodescendentes. Ao articular a importância de enfrentar os traumas

transgeracionais, Gyasi oferece um caminho para a construção de identidades culturais mais conscientes e fortalecidas. Nesse sentido, *Homegoing* não apenas enriquece nossa compreensão da história africana e da diáspora, mas também se posiciona como um marco literário e histórico, instigando a busca por uma narrativa global mais justa e inclusiva.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The Thing Around Your Neck**. Anchor, 2010.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **Post-colonial studies: The key concepts**. London: Routledge, 2010.

BHABHA, Homi. **The Location of Culture**. London: Routledge, 2014.

GYASI, Yaa. **Homegoing**. New York: Alfred A. Knopf, 2016.

HEISS, Anita. **I'm Not Racist, But...** Sydney: Salt Publishing, 2007.

SELDEN, Raman; WIDDOWSON, Peter; BROOKER, Peter. **A reader's guide to contemporary literary theory**. London: Routledge, 2013.

HERMAN, Judith L. **Trauma and recovery: the aftermath of violence—from domestic abuse to political terror**. New York: Basic Books, 1997.